

DA INDISCIPLINA AO CLIMA DE ESCOLA: A VOZ DOS ALUNOS

FROM INDISCIPLINE TO SCHOOL CLIMATE: THE STUDENTS' VOICE

Marisa Carvalho¹

Paula Alão²

Joaquim Magalhães³

Resumo

As questões relacionadas com a indisciplina, *bullying* e violência escolar continuam a constituir-se como uma preocupação, desafiando as escolas na construção de soluções eficazes dirigidas à promoção da cidadania ativa, dialogante e relacional. Cabe às escolas uma atuação convergente com modelos proativos de gestão da indisciplina com vista à promoção de comportamentos pró-sociais. Neste âmbito, destacamos a participação e envolvimento dos alunos nos processos de tomada de decisão e as atividades da escola como um fator determinante da construção de uma escola positiva, democrática e inclusiva. Este artigo apresenta a metodologia de Assembleias de Alunos, conforme realizadas no Agrupamento de Escolas de Frazão – Paços de Ferreira, no âmbito de um projeto de promoção de comportamentos positivos na escola. Partindo da análise documental das atas das referidas assembleias, identificam-se as conceções dos alunos acerca da disciplina e clima de escola, bem como as estratégias de ação adotadas. Os resultados obtidos apontam no sentido de se privilegiarem ações que promovam a participação e o envolvimento dos alunos nas decisões e atividades da

¹ Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano, Faculdade de Educação e Psicologia (Porto, Portugal). marisacarvalho@sapo.pt

² Agrupamento de Escolas de Frazão, Paços de Ferreira, Portugal.

³ Agrupamento de Escolas de Frazão, Paços de Ferreira, Portugal.

escola. Com efeito, consideramos que as assembleias de alunos constituem uma abordagem promissora na promoção de um clima de escola positivo, participado e democrático.

Palavras-chave: disciplina, clima de escola, participação, assembleias de alunos.

Abstract

Issues related to indiscipline, bullying and school violence continue to be a concern, challenging schools to build effective solutions for promoting active, receptive, responsive and relational citizenship. Schools need to act in a convergent way with proactive models of indiscipline management with a view to promoting prosocial behavior. In this context, we highlight the participation and involvement of students in decision-making processes as well as in school activities as a determining factor in the construction of a positive, democratic and inclusive school. This article presents the Students' Assemblies methodology, as carried out in the School Group of Frazão – Paços de Ferreira, in a project to promote positive behavior in the school. Based on the assemblies' records analysis, we identified the students' conceptions about discipline and school climate as well as the strategic actions used. The results reinforce actions that promote students' participation and involvement in the decisions and activities of the school. In fact, we believe that students' assemblies are a promising approach for promote a positive, participatory and democratic school climate.

Keywords: discipline, school climate, participation, students' assemblies.

1. Introdução

As questões relacionadas com a indisciplina, o *bullying* e a violência escolar continuam a constituir-se como uma preocupação, desafiando as escolas na construção de soluções eficazes dirigidas à promoção da cidadania ativa, dialogante e relacional. Em última análise, o objetivo é “promover a cidadania ativa, o sucesso educativo e uma vinculação interpessoal mais estreita e de maior diálogo, imperativo cabal para melhor desenvolver o carácter e a responsabilidade social” (Palmeirão, 2016, p. 117). Cada vez mais, cabe às escolas pensarem soluções orientadas para a construção de uma cultura de participação onde todos se sintam *escola-comunidade*.

De facto, no que aos fenómenos de indisciplina, *bullying* e violência escolar diz respeito, as escolas privilegiam ações essencialmente reativas e punitivas, cuja ineficácia tem vindo a ser amplamente referenciada na literatura científica (Sprick, Borgmeier & Nolet, 2002; Sugai & Horner, 2002). Além disso, este tipo de medidas não contribui para a consolidação de ambientes de aprendizagem baseados num clima de escola positivo, o qual parece estar intimamente associado a uma menor incidência de fenómenos de indisciplina na escola e na sala de aula (Amado & Freire, 2013). Importa, pois, repensar intervenções ao nível da escola e da comunidade, que simultaneamente reconheçam a complexidade e a diversidade dos fenómenos educativos e a necessidade da efetiva participação de todos na construção de um espaço democrático, moral e eticamente justo (Azevedo, 2016). Esta retórica exige a capacidade de ação responsiva e responsável aos desafios do quotidiano escolar do século XXI, onde todos têm *voz*. Neste contexto, *dar voz aos alunos* é um dos desafios essenciais da escola.

As assembleias de alunos, enquanto estratégia de participação e de envolvimento, encerram potencialidades no desenvolvimento dos alunos, da escola e da comunidade. Diversos autores destacam estas assembleias como uma estratégia que estimula o pensamento crítico, o raciocínio moral, a comunicação e relacionamento interpessoal, a resolução de conflitos e a construção participada da escola (e.g., Alderson, 2000; Araújo, 2008; Caetano, 2007; Menezes, 2003; Peterson & Skiba, 2001). Neste sentido, poderá apresentar-se como uma modalidade eficaz de construção de um clima de escola positivo e de prevenção de problemas de comportamento.

Com este estudo, pretendemos evidenciar as potencialidades das assembleias de alunos como uma estratégia de promoção da participação e envolvimento dos alunos nas decisões e ações da escola e, especificamente, de prevenção de fenómenos de indisciplina, *bullying* e violência escolar. Assim, fazemos um breve trajeto de sistematização das manifestações aos contextos da indisciplina, revisitamos as respetivas formas de atuação e finalizamos com a referência às assembleias de alunos enquanto estratégia de promoção de comportamentos positivos na escola. Em seguida, apresentamos a modalidade de assembleias de alunos realizada no Agrupamento de Escolas de Frazão – Paços de Ferreira, explicitando a metodologia adotada e apontando para os contributos dos alunos neste contexto.

2. Indisciplina, clima de escola e assembleias de alunos

A indisciplina pode definir-se como “um fenómeno relacional e interativo que se concretiza no incumprimento das regras que presidem, orientam e estabelecem as condições das tarefas na aula e, ainda, no desrespeito de normas e valores que fundamentam o são convívio entre os pares e a relação com o professor, enquanto pessoa e autoridade” (Amado, 2000, p. 6). Corresponde ao conjunto de comportamentos que traduzem a infração aos princípios reguladores da atividade, das relações (entre pares, com o/s professor/es e funcionário/s) e da conduta em geral, de carácter normativo (regras e normas em parte estabelecidas e definidas nos “regulamentos”) e de carácter ético (valores da cultura dominante e da instituição) (Amado, 2004; Amado & Estrela, 2007).

Deste modo, a indisciplina tem expressão em comportamentos diversos com níveis e intensidade diferenciados. Amado e colaboradores (Amado, 2000; Amado & Freire, 2009, 2013) distinguem três níveis de indisciplina: (i) o desvio às regras de trabalho na aula; (ii) a perturbação das relações entre pares; e (iii) os problemas da relação professor-aluno. O primeiro nível contempla as infrações às regras de sala de aula, respeitantes, por exemplo, à organização e cumprimento das tarefas, comunicação, pontualidade, deslocações e apresentação de material. O segundo nível prende-se com a relação entre pares, manifestando-se em comportamentos que põem em causa o

respeito mútuo, tais como brincadeiras rudes, incivildades ou *bullying*. O terceiro nível traduz-se no confronto com a autoridade do professor, manifestando-se em comportamentos como desobediência, insultos, agressividade e vandalismo contra o professor e/ou a escola.

Pode afirmar-se que a indisciplina é um fenómeno complexo, que se manifesta de diferentes modos e graus de intensidade, com génese em múltiplos fatores de ordem social, familiar, pessoal e escolar e com consequências diversas para alunos, professores, escola e comunidade. A literatura científica identifica fatores associados ao aluno (e.g., dificuldades de aprendizagem, desmotivação/desinteresse pelo trabalho escolar, instabilidade emocional, história pessoal), à família (e.g., práticas educativas inconsistentes, estilos inadequados de autoridade, negligência, abandono, maus-tratos), à escola (e.g., estilo de autoridade do professor, relação e gestão pedagógica, clima de escola, organização e liderança escolar, efeito das retenções e insucesso) e à sociedade (e.g., políticas educativas e sociais) (Amado & Freire, 2013; Lopes, 2013).

Destacamos, sobretudo, os fatores relacionados com a escola, em especial, o clima de escola. Esta dimensão tem vindo a ser relacionada com a promoção de comportamentos prossociais e com a redução de problemas de comportamento em contexto escolar. De facto, o clima relacional das escolas está intimamente associado a uma menor incidência de indisciplina na escola e na sala de aula (Amado & Freire, 2013). Por exemplo, num estudo nacional sobre a dimensão relacional entre os agentes no interior da escola, verificou-se que uma liderança mais focada nas pessoas, um ambiente baseado na proximidade, na cooperação e no apoio mútuo, gerador de sentimentos de pertença, e orientado para o bem comum são variáveis associadas ao relacionamento interpessoal positivo e à menor incidência de indisciplina (Amado & Freire, 2013).

Com efeito, cabe às escolas uma atuação convergente com modelos mais proativos de gestão da indisciplina, que incidam em estratégias de prevenção, reconhecidamente válidas e eficazes e cujo enfoque se situe na promoção de comportamentos positivos na escola (e.g., Algozzine, Wang & Violette, 2011; Amado & Freire, 2009, 2013; Espelage & Lopes, 2013; Kutash, 2007; Lopes, 2009; Sprague & Horner, 2006; Sugai & Horner,

2002, 2006). Neste âmbito, destacamos a participação e envolvimento dos alunos nos processos de tomada de decisão e nas atividades da escola como um fator determinante da construção de uma escola positiva, democrática e inclusiva. A investigação sobre a indisciplina revela que, entre outros aspetos, a falta de envolvimento dos alunos tende a agravar os comportamentos problemáticos (Menezes, 2003). Concomitantemente, o envolvimento é visto como um aspeto-chave na prevenção de consequências desenvolvimentais negativas como o abandono escolar e a delinquência juvenil (Veiga *et al.*, 2012). Neste sentido, importa instituir procedimentos de democraticidade, participação e envolvimento dos alunos na definição de regras e na gestão de comportamentos.

A este propósito, Chiote (2017) destaca a participação de todos os alunos nos processos de decisão e nas atividades, através de mecanismos diversos (e.g., inquéritos; assembleias de turma, de delegados e de alunos; contactos informais; estruturas). As assembleias de alunos constituem-se como uma modalidade de participação daqueles nas decisões relativas à vida da escola. De acordo com Menezes (2003), esta modalidade de participação tem a sua génese nas assembleias comunitárias do modelo de comunidade justa, assumindo-se como uma estratégia de participação democrática dos alunos, nomeadamente no processo de definição de regras e de resolução de problemas.

As assembleias de alunos, independentemente da modalidade adotada, podem definir-se como o “momento institucional da palavra e do diálogo” (Araújo, 2008, p. 118), onde os alunos são protagonistas de ação e de mudança. Trata-se, pois, de um espaço de diálogo, de negociação e de construção participada com impacto na vida da escola. Mais do que um espaço de mediação, as assembleias de alunos pretendem constituir-se como um espaço de democracia participativa, reconhecendo-se as diferenças e comunalidades inerentes aos valores, crenças e vontades pessoais dos diferentes intervenientes e incentivando-se o respeito e a convivência no espaço escola enquanto espaço coletivo de diversidade (Araújo, 2008). Com efeito, trata-se de um espaço de participação e de envolvimento com impacto nos alunos e na escola. Conforme referido, trata-se de uma estratégia que tende a promover o pensamento crítico, o raciocínio moral, a comunicação e relacionamento interpessoal, a resolução de

conflitos e a construção participada da escola (e.g., Alderson, 2000; Araújo, 2008; Caetano, 2007; Menezes, 2003; Peterson & Skiba, 2001).

É importante reconhecer que a implementação eficaz desta estratégia depende do envolvimento efetivo da escola e das lideranças. Chiote (2017) evidencia o papel das lideranças no apoio, incentivo e concretização de modalidades de participação efetiva dos alunos na vida da escola. Como afirma Menezes (2003), a concretização deste tipo de estratégias depende do “envolvimento institucional da escola que deve garantir a genuinidade da participação dos alunos na definição das regras, o que implica a disponibilidade para partilhar *de facto* o poder” (p. 279).

3. Metodologia

Nesta secção procede-se à caracterização do objeto de estudo e identificam-se procedimentos de recolha e análise de dados. Em específico, apresenta-se a modalidade de Assembleias de Alunos, conforme realizada no Agrupamento de Escolas de Frazão, como contributo para a promoção de um clima de escola positivo.

3.1. Objeto

O Agrupamento de Escolas de Frazão, situado em Paços de Ferreira, é um Território Educativo de Intervenção Prioritária, cujo projeto educativo se organiza em quatro eixos de ação: (i) apoio à melhoria das aprendizagens; (ii) prevenção do abandono, absentismo e indisciplina; (iii) gestão e organização; e (iv) relação escola-família-comunidade.

Atualmente, o agrupamento conta com cerca de 1200 alunos do pré-escolar ao 3.º ciclo do ensino básico. Em termos escolares, verificam-se ainda baixas taxas de transição/aprovação. Cerca de 66 alunos dos diferentes ciclos de ensino apresentam duas ou mais retenções no percurso escolar. Ainda assim, a taxa de abandono escolar é residual. Em termos socioculturais, os alunos são predominantemente provenientes de meios socioeconómicos médios/baixos. A maioria dos pais tem habilitações literárias equivalentes ou inferiores ao 9.º ano e uma parte considerável das famílias

tem elementos no desemprego. Mais de 50% dos alunos beneficiam de apoios da ação social escolar. Um número significativo de alunos tem acesso limitado a experiências de carácter cultural, social, desportivo e recreativo.

A atuação no âmbito da indisciplina é uma das prioridades do agrupamento, existindo metas e ações específicas destinadas à promoção de competências pessoais e sociais e envolvimento dos alunos nas atividades da escola, bem como à redução do número de ocorrências disciplinares. Uma das estratégias privilegiadas é a realização de Assembleias de Delegados com vista a impulsionar a participação e o envolvimento dos alunos na escola. Esta estratégia integra-se numa ação de âmbito alargado de promoção de comportamentos positivos, designada SER – Segurança, Envolvimento e Responsabilidade, com início no ano letivo de 2013/2014 (Carvalho *et al.*, 2016).

As Assembleias de Delegados têm periodicidade bianual, integram os delegados de cada turma e são habitualmente coordenadas pelo diretor ou subdiretora do agrupamento, tendo em vista a análise e discussão de questões de interesse para a comunidade escolar (e.g., resultados escolares, indisciplina e clima de escola, serviços e espaços escolares). Cada assembleia funciona em dois momentos distintos. Um primeiro momento consiste na apresentação das questões e informações alvo de análise e debate. Estas informações são, posteriormente, trabalhadas pelos delegados com a respetiva turma. Os resultados do trabalho com a turma são apresentados e discutidos no segundo momento da assembleia. As sugestões e propostas de melhoria dos alunos são consideradas pela direção e implementadas, sempre que possível.

3.2. Opções e procedimentos metodológicos

Pretendemos com este trabalho analisar as conceções dos alunos acerca dos fenómenos da indisciplina, *bullying* e violência escolar no respetivo agrupamento; da evolução destes fenómenos em função das medidas implementadas no mesmo; e do papel dos alunos no processo de melhoria. Além disso, pretendemos analisar as propostas de melhoria sugeridas pelos alunos no sentido da redução daqueles fenómenos.

Para o efeito, procedemos à análise documental das atas das Assembleias de Delegados realizadas nos anos letivos de 2015/2016 e 2016/2017, correspondendo a um total de quatro atas. A cada ata foi atribuída um código constituído pelo nome “Ata”, seguido da sigla AD, do respetivo ano letivo e do n.º de realização (por exemplo, Ata AD1516 1).

Conforme a Tabela 1, as atas contemplam assuntos diversos; contudo, para efeitos deste estudo, apresentamos os pontos relativos às temáticas de Indisciplina e *Bullying*. No que se refere a estas temáticas, as atas abordam conteúdos distintos, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 1. Assuntos tratados nas Assembleias de Delegados

Ata AD1516 1	Ata AD1516 2	Ata AD1617 1	Ata AD1617 2
<ul style="list-style-type: none"> • Horários • Indisciplina • Qualidade do ensino • Plano Anual de Atividades • Atividades desportivas • Outras informações 	<ul style="list-style-type: none"> • Indisciplina • Espaços escolares • Plano Anual de Atividades • Atividades extracurriculares • Provas de aferição • Outras informações 	<ul style="list-style-type: none"> • Atrasos na entrada das aulas • Comportamentos nas aulas • Recreio e outros espaços de convívio • Assessorias • Outras informações 	<ul style="list-style-type: none"> • Contextualização do problema do “Bullying” no Agrupamento de Escolas de Frazão, Paços de Ferreira • Análise das fichas de reflexão de cada turma

Tabela 2. Assuntos tratados nas Assembleias de Delegados alvo de análise de conteúdo

Ata AD1516 1	Ata AD1516 2	Ata AD1617 1	Ata AD1617 2
<ul style="list-style-type: none"> • Aspectos positivos • Aspectos negativos • Propostas de melhoria 	<ul style="list-style-type: none"> • Aspectos positivos • Aspectos negativos • Propostas de melhoria 	<ul style="list-style-type: none"> • Regras de comportamento cumpridas pela turma • Regras mais cumpridas • Regras menos cumpridas • Papel dos professores no cumprimento das regras • Papel dos alunos/turma no cumprimento das regras 	<p><i>Bullying:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Conceito • Intervenientes • Consequências • Estratégias

As atas foram alvo de uma análise de conteúdo categorial (Bardin, 2015). As categorias definidas emergiram da análise de dados, não estando definidas à partida. Procedeu-se à contagem de frequência das ocorrências para cada uma das categorias, conforme Tabelas 3, 4, 5, 6, 7 e 8.

4. Resultados

As atas das Assembleias de Delegados realizadas no ano letivo de 2015/2016 incidiram nos aspetos positivos e negativos da escola em termos da indisciplina. Destaque-se que, no intervalo de tempo decorrido entre a assembleia 1 e a assembleia 2, foi implementado um conjunto de medidas previstas na ação SER anteriormente referida.

Conforme apresentado na Tabela 3, os alunos identificaram os seguintes aspetos como positivos: (i) existência de regras, (ii) melhoria progressiva do comportamento dos alunos, (iii) supervisão dos espaços, (iv) existência e funcionamento de espaços para encaminhamento de alunos, (v) clima de escola, (vi) gestão de sala de aula e (vii)

organização e funcionamento global da escola. A ata da assembleia 2 centra-se na progressão sentida pelos alunos nos diferentes aspetos referidos. Estes destacam um maior número de aspetos positivos, sobretudo no que se refere ao clima de escola, à organização e funcionamento da escola e à conseqüente melhoria dos comportamentos dos alunos. Ainda assim, é interessante notar a importância que atribuem à existência de regras como uma dimensão essencial na garantia da disciplina e de um clima de escola positivo.

Tabela 3. Aspetos positivos da escola relativos à disciplina

Categorias	N.º de ocorrências
Existência de regras	8
Melhoria progressiva do comportamento dos alunos	3
Supervisão dos espaços	3
Existência e funcionamento de espaços para encaminhamento de alunos	2
Clima de escola	2
Gestão de sala de aula	1
Organização e funcionamento global da escola	1

Os aspetos negativos identificados pelos alunos foram os seguintes: (i) incumprimento das regras, (ii) dificuldades de relacionamento, (iii) condições físicas, (iv) supervisão e gestão de comportamentos e (v) funcionamento de alguns espaços. A ata da assembleia 2 centra-se na progressão sentida pelos alunos nos diferentes aspetos. Estes destacam um menor número de aspetos negativos, em especial no que se refere às condições físicas, ao funcionamento dos espaços e às dificuldades de relacionamento.

Tabela 4. *Aspetos negativos da escola relativos à disciplina*

Categorias	N.º de ocorrências
Incumprimento das regras	7
Dificuldades de relacionamento	3
Condições físicas	2
Supervisão e gestão de comportamentos	5
Funcionamento de espaços	1

Os aspetos positivos e negativos identificados pelos alunos traduzem coerência nas reflexões que os mesmos fazem relativamente à escola e à indisciplina. A este propósito, salientam-se as categorias com maior número de ocorrências e que dizem respeito à existência de regras e ao seu (in)cumprimento. Se, por um lado, os alunos referem as regras estabelecidas como um aspeto positivo do agrupamento, incluindo aqui aspetos relacionados com a formulação, divulgação e monitorização das regras, por outro lado, consideram que um dos aspetos negativos é a persistência de alguns incumprimentos face às regras estabelecidas. Além disso, no mesmo sentido, destacam a supervisão e controlo dos comportamentos como uma área a ser melhorada no agrupamento, o que constitui uma das propostas de melhoria dos alunos, conforme apresentado abaixo.

Estas propostas de melhoria incluem os seguintes domínios: (i) mecanismos de supervisão e controlo, (ii) meios de participação e envolvimento, (iii) organização e gestão dos espaços e dos tempos, (iv) recursos humanos e (v) condições físicas. Destaque-se o número de ocorrências relativo aos mecanismos de supervisão e de controlo, proposta coerente com os aspetos valorizados pelos alunos nos pontos anteriores.

Tabela 5. *Propostas de melhoria no âmbito da disciplina e clima de escola*

Categorias	N.º de ocorrências
Mecanismos de supervisão e controlo	12
Meios de participação e envolvimento	2
Organização e gestão dos espaços e dos tempos	3
Recursos humanos	1
Condições físicas	1

A análise das atas das Assembleias de Delegados realizadas no ano letivo de 2015/2016 parecem indiciar uma reflexão em torno da evolução positiva do fenómeno da indisciplina com referências a uma melhoria do clima de escola e do relacionamento interpessoal. Interessa notar a compreensão dos alunos acerca da diversidade de dimensões implicadas nestes fenómenos, bem como a capacidade para elaborar propostas de melhoria adequadas e operacionalizáveis. A destacar, em especial, o interesse dos alunos em melhorar aspetos relacionados com os meios de participação e envolvimento na vida da escola.

No ano letivo de 2016/2017, as assembleias centraram-se em dois temas principais: (i) comportamento na sala de aula e (ii) *bullying*.

Relativamente ao comportamento na sala de aula, considerando o modelo de Amado e colaboradores (Amado, 2000; Amado e Freire, 2009, 2013), identificamos três níveis organizadores das regras referidas pelos alunos, a saber: (i) regras de trabalho na aula, (ii) relação entre pares e (iii) relação professor-aluno. Os alunos referiram, sobretudo, a necessidade de manter regras relacionadas com o trabalho na aula. No mesmo sentido, acrescentaram que os incumprimentos tendem a ocorrer mais neste domínio do que nos outros. Com vista a garantir a manutenção das regras, os alunos referem ações a serem realizadas por docentes e por discentes. Conforme a Tabela 6,

relativamente aos docentes os alunos destacam as seguintes ações: (i) medidas corretivas, (ii) medidas sancionatórias, (iii) comportamento de apoio e diálogo, (iv) informação aos pais e encarregados de educação e (v) encaminhamento para outras estruturas.

Tabela 6. Ações dos docentes para garantir a manutenção das regras

Categorias	N.º de ocorrências
Medidas corretivas	13
Medidas sancionatórias	1
Apoio e diálogo	1
Informação aos pais e encarregados de educação	1
Encaminhamento para outras estruturas	1

Relativamente aos alunos, conforme a Tabela 7, destaca-se as seguintes ações: (i) cumprimento das regras, (ii) apoio e mediação e (iii) modelagem.

Tabela 7. Ações dos alunos para garantir a manutenção das regras

Categorias	N.º de ocorrências
Cumprimento de regras	6
Apoio e mediação	5
Modelagem	2

É interessante notar que os alunos tendem a atribuir-se comportamentos prossociais orientados pela colaboração, apoio e interajuda, mas tendem a atribuir aos professores ações reativas e punitivas. Esta conceção parece-nos alinhada com a adoção de mecanismos tendencialmente adotados pelas escolas face aos problemas disciplinares (Sprick, Borgmeier & Nolet, 2002; Sugai & Horner, 2002), o que contribui para a construção social da disciplina e do clima de escola assente em regras rígidas e punições consequentes ao incumprimento, mais do que assente em princípios de participação, colaboração e interajuda.

Quanto ao *bullying*, as atas analisadas revelam um conhecimento aprofundado por parte dos alunos acerca das dimensões do fenómeno. Os alunos identificam fenómenos de *bullying*, reconhecem intervenientes e espaços de ocorrências e identificam a multiplicidade de consequências para vítimas e agressores. Para além da conceptualização do fenómeno, os alunos identificam estratégias de atuação face ao mesmo, quer numa lógica preventiva, quer numa lógica remediativa. As estratégias propostas integram as seguintes categorias, conforme a Tabela 8: (i) ações dirigidas a alunos envolvidos em situações de *bullying*, (ii) ações que visam a participação e envolvimento dos alunos em geral, (iii) ações dirigidas à comunidade e (iv) vigilância e supervisão. Destaque-se que parte das atividades propostas pelos alunos implica a sua participação.

Tabela 8. Estratégias de atuação face ao bullying

Categorias	N.º de ocorrências
Ações dirigidas a alunos envolvidos em situações de <i>bullying</i>	6
Ações que visam a participação e envolvimento dos alunos em geral	4
Ações dirigidas à comunidade	4
Vigilância e supervisão	1

5. Conclusão

Defendemos que intervir na indisciplina é uma tarefa coletiva da escola e da comunidade e reiteramos a importância dos projetos de intervenção educativa na resolução de problemas concretos do quotidiano escolar (Menezes, 2003). É fundamental que cada escola encontre soluções capazes de otimizar o clima psicossocial e minimizar situações de indisciplina e violência, o que passa necessariamente pelo incentivo à participação e envolvimento de todos e em especial dos alunos. Cada escola deve desenvolver mecanismos diversos de participação dos diferentes intervenientes na vida da escola e nos respetivos processos de decisão, garantindo o sentido de pertença de todos à comunidade. As assembleias de alunos podem constituir-se como uma ferramenta capaz de *dar voz aos alunos* na construção da *escola-comunidade*.

Procuramos aqui identificar, por um lado, as conceções dos alunos acerca da ocorrência de fenómenos de indisciplina na respetiva escola e, por outro lado, apreciar os contributos que fazem na construção de um clima de escola positivo. Os alunos constroem quadros de leitura relacionados com os comportamentos dos diferentes intervenientes educativos, refletem acerca destes comportamentos e das ações com eles relacionadas e discriminam medidas orientadas para a resolução dos problemas identificados.

É interessante notar o papel que os alunos atribuem às regras como estratégia de gestão da disciplina, mas também fator de satisfação e clima de escola positivos. Esta conceção é, aliás, coerente com as opções do agrupamento em termos de ação estratégica neste domínio (cf. Carvalho *et al.*, 2016). Os alunos referem que a existência de regras e de expectativas de comportamento coerentes contribuiu para a melhoria dos comportamentos e do clima de escola. Esta é, ademais, um dos elementos essenciais do modelo de promoção de comportamentos positivos (Ögülmüs & Vuran, 2016; Sugai & Horner, 2002, 2006), que temos vindo a adotar como modelo integrado e sustentado de ação no âmbito da disciplina (Carvalho *et al.*, 2016).

Um outro aspeto evidenciado foi a referência aos mecanismos de participação e de envolvimento dos alunos nas decisões e ações da escola. A participação dos alunos

parece, pois, ampliar competências prossociais e, em especial, competências relacionadas com o raciocínio e argumentação ética, a responsabilidade pelas decisões e pela escola e o envolvimento em tarefas de diversa ordem (Menezes, 2003; Veiga *et al.*, 2012). A criação de oportunidades e estímulos à participação ativa dos alunos é, pois, uma função central da escola.

Finalmente, é de referir ainda que os alunos parecem adotar uma visão positiva da disciplina, orientada por princípios de participação e construção conjunta enquanto comunidade de todos e para todos. Vejamos, por um lado, as referências a dimensões relacionadas com estratégias preventivas e, por outro lado, a atribuição pessoal de responsabilidades de ação e participação na vida da escola. Com efeito, consideramos que as assembleias de alunos constituem uma abordagem promissora na promoção de um clima de escola positivo, participado e democrático.

6. Referências bibliográficas

- Alderson, P. (2000). School students' views on school councils and daily life at school. *Children & Society*, 14, 121-134.
- Algozzine, B., Wang, C. & Violette, A. (2011). Reexamining the relationship between academic achievement and social behavior. *Journal of Positive Behavior Interventions*, 13(3), 3-16.
- Amado, J. & Estrela, M. T. (2007). Indisciplina, violência e delinquência na escola – Compreender e prevenir. In A. Fonseca, M. Seabra-Santos & M. Gaspar (Eds.), *Psicologia e educação – Novos e velhos temas* (pp. 334-363). Coimbra: Almedina.
- Amado, J. & Freire, I. (2009). *A(s) indisciplina(s) na escola. Compreender para prevenir*. Coimbra: Almedina.
- Amado, J. & Freire, I. (2013). Uma visão holística da(s) indisciplina(s) na escola. In J. Machado & J. M. Alves (Orgs.), *Melhorar a escola. Sucesso escolar, disciplina, motivação, direção de escolas e políticas educativas* (pp. 55-71). Porto: FEP/UCP.
- Amado, J. (2000). *A construção da disciplina na escola. Suportes teórico-práticos*. Porto: CRIAP/ASA.
- Amado, J. (2004). Indisciplina e violência na escola: Conceitos, interrogações e respostas. *Teoria e Prática da Educação*, 7(2), 206-214.
- Araújo, U. F. (2008). Resolução de conflitos e assembleias escolares. *Cadernos de Educação*, 31, 115-131.

- Azevedo, J. (2016). Construir uma escola democrática e justa: O Arco Maior e a pedagogia da misericórdia. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, 16, 201-230.
- Bardin, L. (2015). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Caetano, A. P. (2007). Complexidade e mediação socioeducativa nas assembleias de turma. *Diálogo Educacional*, 7(22), 67-80.
- Carvalho, M. *et al.* (2016). (In)disciplina na escola: Para uma prática integrada e sustentada de intervenção. In C. Palmeirão & J. M. Alves (Coords.). *Promoção do sucesso educativo. Estratégias de inclusão, inovação e melhoria* (pp. 119-142). Porto: Universidade Católica Portuguesa.
- Chiote, A. F. (2017). *Práticas inclusivas num contexto de liderança: perceções de diretores, coordenadores e professores* (tese de mestrado não publicada). Porto, Escola Superior de Educação do Porto.
- Espelage, D. & Lopes, J. (2013). *Indisciplina na escola*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Kutash, K. (2007). *Understanding school-based mental health services for students who are disruptive and aggressive: What works for whom?* Proceedings of Persistently Safe Schools: The 2007 National Conference on Safe Schools and Communities.
- Lopes, J. (2013) A indisciplina em sala de aula. In D. Espelage & J. Lopes (Coords.), *Indisciplina na escola*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Menezes, I. (2003). A intervenção para a resolução de conflitos ao nível da escola e da comunidade. In M. E. Costa (Coord.), *Gestão de conflitos na escola*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ögülmüs, K. & Vuran, S. (2016). Schoolwide positive behavioral interventions and support practices: Review of studies in the Journal of Positive Behavior Interventions. *Educational Sciences: Theory and Practices*, 16(5), 1693-1710. DOI 10.12738/estp.2016.5.0264.
- Palmeirão, C. (2016). Mediação pedagógica: O sucesso como paradigma. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, 16, 115-128.
- Peterson, R. & Skiba, R. (2001). Creating school climates that prevent school violence. *The Clearing House: A Journal of Educational Strategies, Issues and Ideas*, 74(3), 155-163.
- Sprague, J. & Horner, R. (2006). School wide positive behavioral supports. In S. R. Jimerson & M. J. Furlong (Eds.), *The handbook of school violence and school safety: From research to practice*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Sprick, R. S., Borgmeier, C. & Nolet, V. (2002). Prevention and management of behavior problems in secondary schools. In M. A. Shinn, H. M. Walker & G. Stoner (Eds.), *Interventions for*

academic and behavior problems II: Preventive and remedial approaches (pp. 373-401).
Bethesda, MD: National Association of School Psychologists.

Sugai, G. & Horner, R. (2002). The evolution of discipline practices: School-wide positive behavior supports. *Child and Family Behavior Therapy*, 24(1/2), 23-50.

Sugai, G. & Horner, R. (2006). A promising approach for expanding and sustaining school-wide positive behavior support. *School Psychology Review*, 35(2), 245-259.

Veiga, F. *et al.* (2012). Envolvimento dos alunos na escola: conceito e relação com o desempenho académico – Sua importância na formação de professores. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 46(2), 31-47.